

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

18

55^a edição

PAINEL DE CONJUNTURA

ECONÔMICA

FEVEREIRO

2ª Quinzena

18

01

OPINIÃO

Ferramentas de gestão como atenuantes do cenário turbulento.

12

INTERNACIONAL

Migração na América Latina, padrões e desafios.

06

PIB E CONFIANÇA

Tomamos mais uma anotação na agenda.

13

TECNOLOGIA

“É débito?”

09

PREÇOS E JUROS

Inflação segue desacelerando.



Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2018	2019
PIB (% do crescimento)	2,89	3,00
Produção Industrial (% do crescimento)	3,76	3,35
Inflação - IPCA (%)	3,73	4,25
SELIC	6,75	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	55,10	57,70
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,30	3,39
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	54,29	45,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	80,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

26/02

Relatório Focus (Bacen)
 Nota do Mercado Aberto - Janeiro-2018 - (Bacen)
 Nota do Setor Externo - Janeiro-2018 - (Bacen)

27/02

Resultado Primário do Governo Central - Janeiro-2018 -(Bacen)
 IGP-M - Fevereiro-2018 - (FGV)

28/02

Pnad Contínua - Janeiro-2018 - (IBGE)
 Nota de Política Fiscal - Janeiro-2018 - (Bacen)
 Fluxo Cambial - (Bacen)

01/03

IPC(S) - Fevereiro-2018 - (FGV)
 PIB - 4º Trimestre - 2018 - (IBGE)
 Balança Comercial - Fevereiro-2018 (Mdic)
 IPC(Fipe) - Fevereiro-2018 - (FIPE)
 IPP - Indústria de Transformação - Janeiro-2018 (IBGE)

Opinião

Ferramentas de gestão como atenuantes do cenário turbulento

Alexandre Iwankio*



Fonte da ilustração: PeopleINT Wordpress

Após um longo período de recessão econômica, reconhecida como a pior da história do Brasil, nossa economia começa a dar sinais de recuperação, embora ainda tímidos. Dados divulgados recentemente pelo IBGE indicam que a produção industrial cresceu 2,5% em 2017, após 3 anos de queda. Foi o primeiro resultado anual positivo desde 2013, quando foi registrada alta de 2,1%, e o maior desde 2010 (+10,2%). Já o Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta que a economia brasileira fechou 2017 com crescimento de 1%, após dois anos seguidos de contração.

Apesar de indícios positivos como esses, a visão do mercado é de que esse processo de recuperação da economia será lento. Portanto, não será no curto prazo que teremos uma atividade econômica forte, com reflexos significativos em investimentos e consumo, conforme visto nos anos que antecederam o período recessivo.

Como consequência desse cenário, ainda atravessamos um período turbulento nas atividades empresariais. Não são poucos os setores da indústria, comércio e serviços que vêm enfrentando dificuldades em função das quedas de faturamento provocadas por esse período recessivo.

Em tempos como o que estamos vivendo as necessidades de aprimorar os mecanismos de gestão das organizações se tornam ainda mais evidentes. Empresários, executivos, gestores precisam voltar seus olhares para dentro das suas organizações, de modo a identificar e eliminar fontes de desperdício de recursos que comprometem os seus resultados.



Quando falamos de fontes de desperdício, é importante ter consciência que qualquer empresa está sujeita a sofrer perdas em função dos sete grandes desperdícios que o Sistema Toyota de Produção combate há décadas: superprodução, estoques excessivos, defeitos, espera em processos, excesso de transporte de materiais, processamento desnecessário e excesso de movimentação de pessoas. É claro afirmar que esses desperdícios representam impacto financeiro significativo nos resultados das organizações, pois o cliente não está disposto a pagar pelos nossos desperdícios, mas sim pelo que percebe de valor em nossos produtos e serviços.

Dado que combater desperdícios é vital para a sobrevivência das organizações, fica a questão: o que fazer para reduzir perdas e melhorar resultados? Para responder a essa simples, porém crucial pergunta, devemos considerar que cortes de despesas, desligamento de pessoal e outras medidas extremas comumente adotadas em períodos de crise não correspondem a ações efetivas para reduzir as perdas das organizações de forma consistente e duradoura. É preciso adotar estratégias e ferramentas eficazes para reduzir os desperdícios e promover o aumento da lucratividade das organizações de forma sustentável.

Estratégias como o PDCA, criado nos anos 1920 por Walter Shewhart, e o Lean Six Sigma DMAIC, criado na década de 1980 por Bill Smith, constituem abordagens de extraordinários resultados em termos de solução de problemas e melhoria de processos em empresas dos mais diversos portes e segmentos.

Essas estratégias se valem do apoio das 7 ferramentas clássicas da qualidade, de grande utilidade para a compreensão das variáveis que influenciam os processos da organização e que estão associadas às causas dos problemas que geram perdas recorrentes.

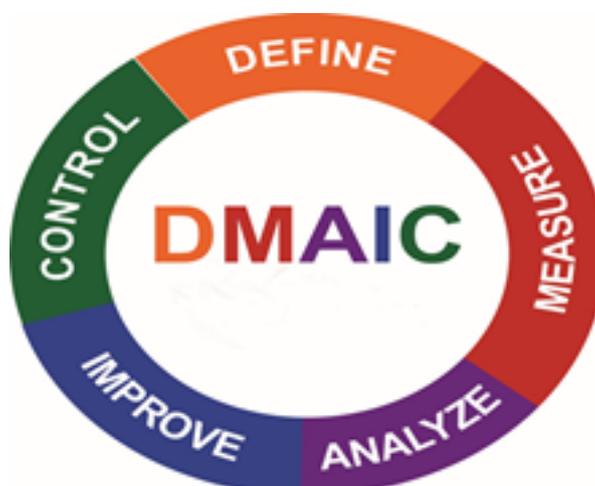


Fonte: Blogdaqualidade.com.br

Além das ferramentas clássicas da qualidade, o Lean Six Sigma DMAIC ainda conta com uma abordagem quantitativa robusta, valendo-se de elementos estatísticos para a tomada de decisões com maior segurança



e assertividade. Conceitos e ferramentas como desvio padrão, boxplot, análise de regressão, teste de hipóteses, experimentos fatoriais e capacidade de processos, entre outros, fazem parte do cotidiano das empresas e profissionais em todo o mundo que utilizam o Lean Six Sigma DMAIC como sua estratégia gerencial disciplinada e quantitativa, cuja aplicação se dá por meio de projetos para a redução de desperdícios e o aumento da lucratividade das organizações.



Fonte da figura: WERKEMA, M.C.C. Criando a cultura Lean Seis Sigma. 3ª Ed. Campus: Rio de Janeiro, 2012.

Uma pesquisa publicada em 2017 por Jiju Antony e outros colegas faz um apanhado sobre a evolução do Lean Six Sigma DMAIC ao longo dos últimos 30 anos, ressaltando que a sua aplicação vem crescendo globalmente ao longo do tempo, constituindo-se em uma estratégia de negócios e de análise e solução de problemas para todos os setores da economia, independentemente do porte ou natureza da organização.

Se as estratégias e ferramentas aqui comentadas já fazem parte de sua estratégia empresarial, parabéns! Você está na vanguarda e certamente vai atravessar esse período difícil de nossa economia com maior segurança e tranquilidade, preparado para colher os frutos da retomada do crescimento.

**Alexandre Iwankio é CEO da Iwankio Consulting e atua como professor da Faculdade ISAE Brasil. Mestrando no Programa de Mestrado em Governança Sustentabilidade do ISAE, economista com especializações em Lean Manufacturing, Gestão Estratégica e Controladoria.*

PIB

Tomamos mais uma anotação na agenda

*Christian Frederico da Cunha Bundt**

Depois do rebaixamento da nota de crédito do Brasil pela agência Standard & Poor's, em janeiro de 2018, agora foi a vez de outra agência fazer o mesmo. A Fitch Ratings rebaixou, em 26 de fevereiro de 2018, a nota do Brasil de BB para BB-.



LONGO PRAZO	CURTO PRAZO	CLASSIFICAÇÃO
AAA	F1+	Prime
AA+	F1+	Grau de Investimento Elevado
AA	F1+	Grau de Investimento Elevado
AA-	F1+	Grau de Investimento Elevado
A+	F1	Grau de Investimento Médio Elevado
A	F1	Grau de Investimento Médio Elevado
A-	F2	Grau de Investimento Médio Elevado
BBB+	F	Grau de Investimento Médio Baixo
BBB	F3	Grau de Investimento Médio Baixo
BBB-	F3	Grau de Investimento Médio Baixo
BB+	B	Grau Especulativo
BB	B	Grau Especulativo
BB-	B	Grau Especulativo
B+	B	Grau Altamente Especulativo
B	B	Grau Altamente Especulativo
B-	B	Grau Altamente Especulativo
CCC	C	Grau Extremamente Especulativo
DDD	/	Grau Especulativo de Moratória
D	/	Grau Especulativo de Moratória
D	/	Grau Especulativo de Moratória

Fonte: Fitch Ratings, ilustração ISAE.

A figura evidencia que estamos mal posicionados. Mas o que significa o tal rating de crédito de um país? É o risco de não pagamento das dívidas do país dentro do prazo fixado. Ou seja, a probabilidade de o governo não pagar o que prometeu aos seus investidores no prazo acertado. Para entender melhor, basta pensar na probabilidade daquele amigo a quem você emprestou dinheiro não lhe pagar no tempo acordado.

O rating de crédito, então, influencia questões como: quem quer emprestar dinheiro para o Brasil? Qual é a taxa de juros que se cobra de quem não é bom pagador (ou pelo menos tem essa fama)? Apesar das críticas que podem ser feitas a essas agências de avaliação de risco, são elas que dão a nota. É como aquele professor carrancudo... você pode até não gostar dele, mas é ele que aponta a sua a nota. Mas nunca esqueça que o desempenho é seu.

Importante observar a justificativa da agência para o rebaixamento. Veja um trecho:

“(...) O aumento do déficit da previdência social dos trabalhadores do setor privado, que atingiu quase 3% do PIB em 2017 e está acima do déficit primário do setor público, destaca o problema estrutural com que se defrontam as finanças públicas. A reforma da previdência social e outras medidas de ajuste das despesas parecem ser componentes essenciais de qualquer estratégia objetivando facilitar a consolidação fiscal, aumentar a confiança na trajetória das finanças públicas a médio prazo e tornar o teto de gastos (importante âncora para a política fiscal) viável e digno de confiança. Apesar de várias rodadas de negociações políticas e diluição da proposta ao longo do tempo, a reforma da previdência foi efetivamente arquivada por enquanto, **destacando a fraqueza da classe política em responder com medidas corretivas, potencialmente aumentando os desafios fiscais para a próxima administração (...)**”.

A economia brasileira continua a se recuperar de uma prolongada e profunda recessão econômica. A Fitch projeta crescimento médio de 2,6% no período 2018-2019, acima da estimativa de 1% em 2017. O crescimento deverá ser sustentado pelas condições favoráveis da demanda externa, assim como por



uma recuperação na demanda doméstica. Entretanto, **a força da retomada do crescimento poderá ser limitada por incertezas políticas, fiscais e em relação às reformas.**

O relatório ainda traz que o governo registrou algum progresso em sua agenda de reformas microeconômicas ao longo do ano passado. A reforma trabalhista e a conversão de uma taxa de crédito subsidiada de longo prazo (TJLP) em uma taxa de crédito de longo prazo alinhada ao mercado (TLP) foram medidas positivas para melhorar a alocação de recursos, embora seu impacto sobre a economia mais ampla deva levar tempo para se materializar. Ao mesmo tempo, a inflação continua moderada (inflação pelo IPCA atingiu 2,9% em janeiro de 2018) e as expectativas de inflação continuam bem ancoradas em torno da meta, refletindo os ganhos de credibilidade da política monetária do Banco Central.

Nas partes supracitadas, e no relatório como um todo, fica bastante claro o motivo do rebaixamento: o governo não fez a lição de casa! E não apresenta condições de fazê-lo em curto prazo.

Mais uma vez o cenário político brasileiro se sobrepõe ao econômico. Por julgar o assunto como impopular, o Congresso Nacional brasileiro preferiu não avançar no tema. Fico a pensar com quem é o compromisso dos senhores e senhoras legisladores (parece que com eles mesmos e não com o país).

Das três principais agências que avaliam o risco no mundo, duas já fizeram observações na agenda do "aluno" Brasil com justificativas semelhantes: não foi feita a lição de casa. Esperemos o terceiro apontamento da agência Moody's, que deve logo se apresentar. Daí Temer, Eunício e Maia poderão pedir música no Fantástico!

Mas como o melhor do Brasil são os brasileiros, nossa resiliente economia mostra sinais de vida: arrecadação fiscal de janeiro/18 em alta e confiança crescente da maioria dos segmentos empresariais. Veja o quadro a seguir com os principais índices de confiança.

ÍNDICE DE CONFIANÇA	VARIAÇÃO DE JAN/18 PARA FEV/18 (dados ajustados)	OBSERVAÇÃO
Comércio - ICOM/FGV	+ 0,4%	Na zona de avaliação negativa; mais influenciado pela melhora na situação atual
Comércio - Ibec/CNC	+ 2,8%	Na zona de avaliação positiva; influenciado pela melhora na situação atual e nas expectativas
Indústria - ICIFGV	+ 1,0%	Saindo da zona de avaliação negativa; influenciado pela melhora nas expectativas
Indústria - ICEICNI	- 0,3%	Na zona de avaliação positiva; mais influenciado pela piora nas expectativas
Setor de Construção - ICST/FGV	- 1,5%	Na zona de avaliação negativa; mais influenciado pela piora nas expectativas
Consumidor - ICC/FGV	- 1,6%	Na zona de avaliação negativa; piora na situação atual e nas expectativas
Serviços - ICS/FGV	+ 1,4%	Mais influenciado pela melhora nas expectativas

Fonte: CNI, CNC e IBRE/FGV, ilustração ISAE.

Na ponta dos especialistas, o Relatório FOCUS, do Banco Central do Brasil, aponta sucessivos aumentos na expectativa para o PIB em 2018. Há quatro semanas, apontava 2,66% de crescimento. No relatório de 23/02/2018 apontou 2,89%.

Apesar do ânimo geral, continuamos em alerta!

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador na área financeira, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial de São José dos Pinhais, da Sociedade de Garantidora de Crédito Sul do Paraná e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*



Preços e Juros

IPC Fipe apresenta deflação

Patrick Silva*

IPC Fipe apresentou deflação de -0,23% na terceira quadrissemana de fevereiro, com habitação, despesas pessoais e alimentação como principais responsáveis. Transportes ainda puxam o índice para cima, devido aos constantes aumentos de combustíveis e reajustes em tarifas de transportes públicos que ocorreram no período, assim como no segmento educação.

Grupos	Ponderação (%)	Variação (%)	Variação Ponderada p.p.
Habitação	31,1245	-0,41	-0,1274
Alimentação	24,5494	-0,58	-0,1428
Transportes	14,7212	0,86	0,1264
Despesas Pessoais	13,6443	-0,87	-0,1189
Saúde	6,0868	0,24	0,0146
Vestuário	6,6214	-0,11	-0,0072
Educação	3,2524	0,80	0,0258
Geral	100,0000	-0,23	-0,2300

Fonte: Fipe - Fundação Instituto de Pesquisas Econômica

Esse indicador demonstra que a retomada do consumo ainda está fraca. Diante de falta de estímulos fiscais e queda dos juros, o governo precisa ampliar medidas para aliviar o crédito na ponta do investidor e do consumidor.

IPCA segue com expectativa de baixa

O Relatório Focus, divulgado no dia 23 de fevereiro de 2018, aponta que a expectativa de inflação oficial, o IPCA, continua sua trajetória de baixa reduzindo a expectativa acumulada em 12 meses pela quarta semana seguida, saindo de 3,95% para 3,73% em 30 dias. Para o ano de 2019 há consenso de mercado convergindo para 4,25%.

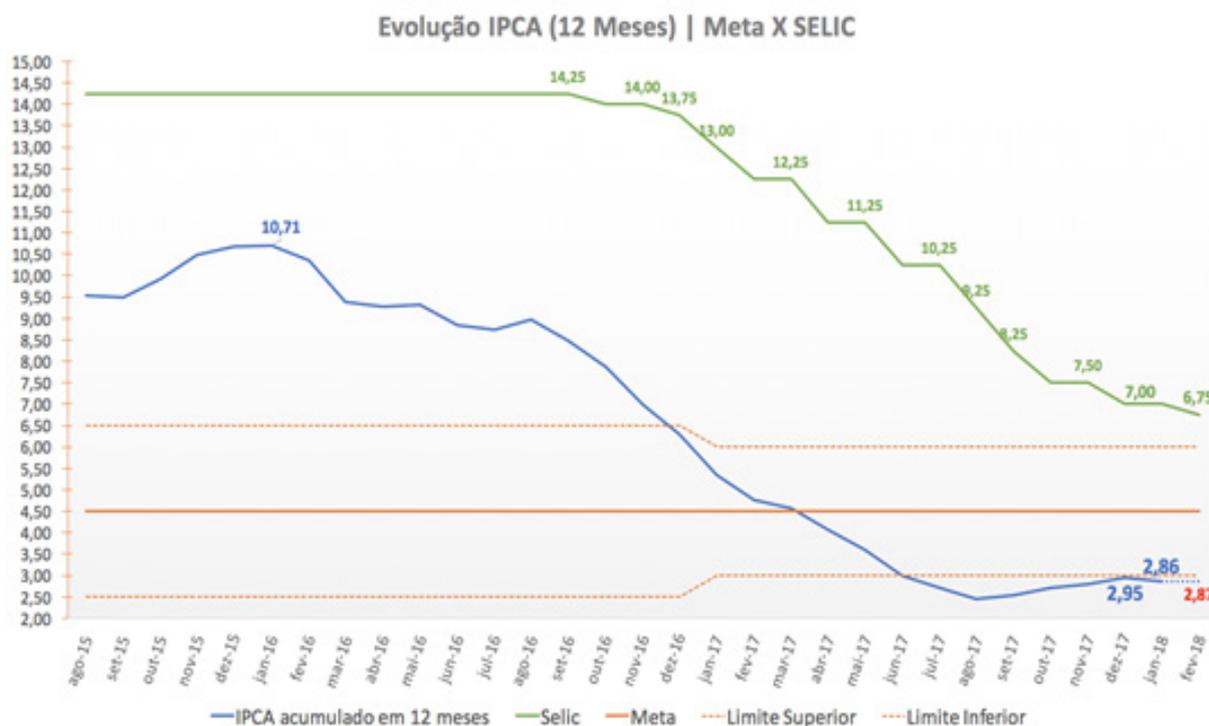
	2018				2019			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,95	3,81	3,73	▼ (4)	4,25	4,25	4,25	● (46)
Top 5	3,90	3,73	3,73	● (1)	4,25	4,25	4,25	● (11)

Fonte: Banco Central do Brasil; ilustração: ISAE.



IPCA acumulado em 12 meses

A inflação oficial acumulada em 12 meses encerrou janeiro em 2,86% e de acordo com as projeções para o fechamento de fevereiro o acumulado não sofrerá grandes oscilações, devendo continuar no patamar levemente abaixo do limite inferior da meta estabelecida pelo Banco Central do Brasil.



Fonte: Banco Central do Brasil; IBGE; ilustração: ISAE.

SELIC pode cair ainda mais

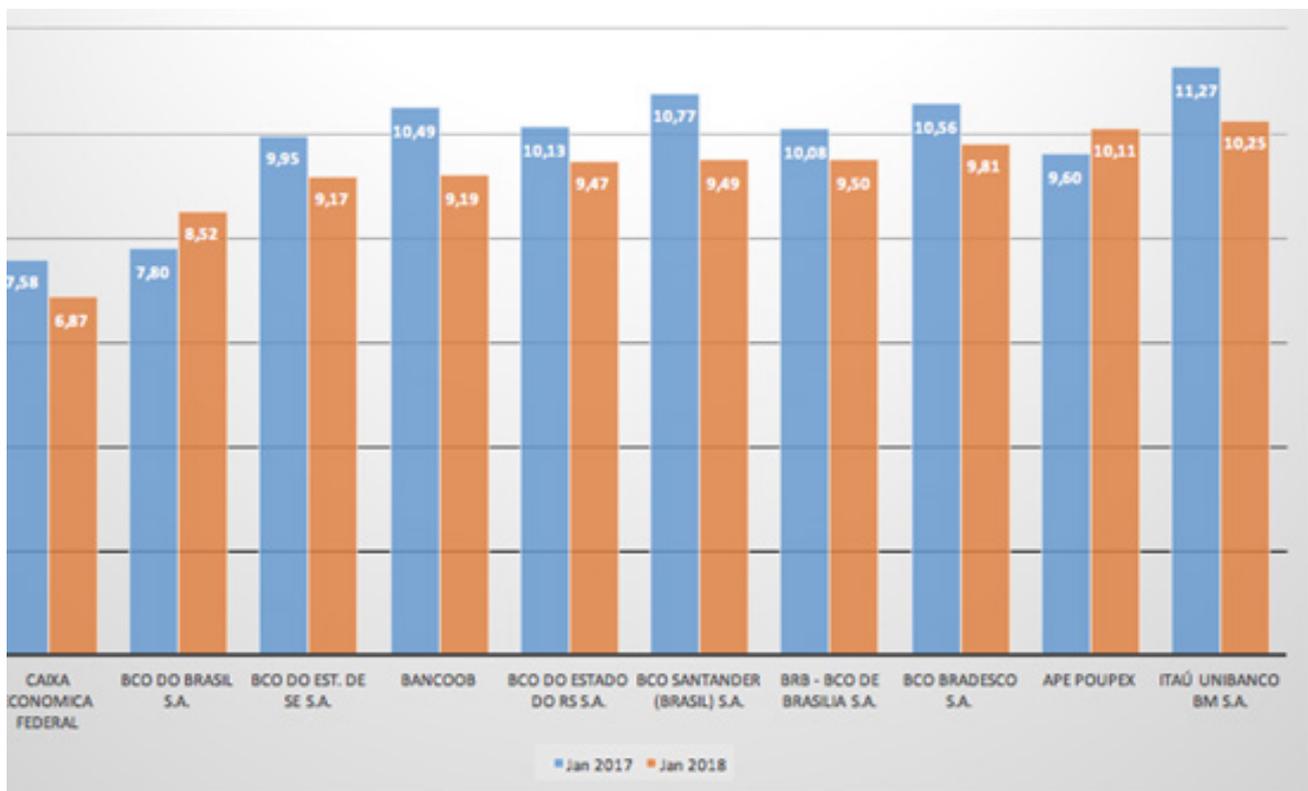
A taxa de juros Selic chegou aos 6,75% recentemente, mas a economia sinaliza que a retomada ainda não está ocorrendo. O consumo das famílias ainda patina e o crédito não é tão abundante como em outros tempos, pois ainda há insegurança em assumir dívidas por parte do consumidor. Com o cenário econômico ainda patinando, não fica descartada uma nova redução na Selic na próxima reunião em 20 de março, podendo chegar a 6,50%.

Selic baixa significa juros baixos para o consumidor?

Com a taxa de juros em níveis históricos na ponta de baixo, será que isso é traduzido da mesma maneira ao consumidor, já que isso pode ser fator de aceleração da economia? Sabemos que os bancos brasileiros costumam cobrar taxas exorbitantes para alguns produtos financeiros, como o rotativo do cartão de crédito e o limite do cheque especial. Com a Selic mais baixa, esperam-se taxas mais baixas ao consumidor.

No que tange ao financiamento imobiliário, um dos setores que mais sofreu com a recente crise, as taxas reduziram na maioria das instituições, com exceção da Ape Poupex e do Banco do Brasil, que aumentaram suas taxas de 9,60% para 10,11% e de 7,80% para 8,52% respectivamente. Mesmo para as instituições que reduziram suas taxas no período, as quedas ficaram bem longe da proporcionalidade da queda da Selic, com reduções médias de 1%, enquanto a Selic saiu de cerca de 13% em janeiro de 2017 para 7% em janeiro de 2018.





Fonte: Banco Central

As taxas cobradas no crédito rotativo do cartão de crédito reduziram drasticamente no período de um ano devido às medidas implementadas pelo governo, impedindo a dívida crescente da pessoa física nessa modalidade e reduzindo assim os riscos para a instituição financeira, no entanto ainda temos taxas que fogem a realidade, com custos de financiamento altíssimos se comparados a países desenvolvidos.

Cartão de crédito rotativo - pessoa física			
Menores taxas		Maiores taxas	
Instituição	Taxa % ao ano	Instituição	Taxa % ao ano
1 CARUANA SCFI	52,05	DACASA FINANCEIRA S/A - SCFI	791,18
2 SENFF S.A. - CFI	70,63	BCO TRIANGULO S.A.	786,53
3 BCO OLÉ BONSUCESSO CONSIGNADO S.A.	72,92	BCO AGIBANK S.A.	773,59
4 BANCO INTER	78,43	BCO BRADESCO S.A.	674,19
5 BCO DAYCOVAL S.A.	87,66	PERNAMBUCANAS FINANC S.A. CFI	655,28

Fonte: Banco Central - Taxas de janeiro 2018

No segmento de financiamento automotivo, outro importante setor da nossa economia, as taxas cobradas também baixaram e as financeiras das montadoras lideram com as taxas mais baixas em detrimento dos bancos de varejo.

Aquisição de veículos - pessoa física			
Menores taxas		Maiores taxas	
Instituição	Taxa % ao ano	Instituição	Taxa % ao ano
1 CCB BRASIL S.A. - CFI	5,41	DACASA FINANCEIRA S/A - SCFI	63,74
2 BMW FINANCEIRA S.A. - CFI	11,71	OMNI SA CFI	60,89
3 BCO PSA FINANCE BRASIL S.A.	12,42	PORTOCRED S.A. - CFI	50,35
4 BCO MERCEDES-BENZ S.A.	12,55	SANTANA S.A. - CFI	43,78
5 SCANIA BCO S.A.	12,68	BCO DAYCOVAL S.A.	40,76

Fonte: Banco central - Taxas de janeiro 2018



Mesmo com redução nos juros praticados pelo mercado financeiro e bancos em geral, vemos que as taxas ainda são altas e não contribuem para o reaquecimento da economia.

**Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE.*

Internacional

Migração na América Latina: padrões e desafios

*René Berardi**

De acordo com o estudo “Migração Internacional nas Américas”, realizado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2011, a migração intra-regional entre países da América Latina e do Caribe representa apenas 25% de toda a emigração registrada na região e alcança quase quatro milhões de pessoas, crescendo a uma taxa anual de 17%.

A imigração intra-regional mudou os padrões de migração, onde os latino-americanos tendem a se mover cada vez mais entre os países da região devido à crise econômica que afetou os países receptores, como os Estados Unidos e a Espanha. Com isso, é possível verificar o retorno dos sul-americanos aos seus países e deslocamentos entre os países vizinhos. Vários países da América Latina registraram grande aumento na imigração dos países vizinhos, gerando aumento de 32% de latino-americanos que vivem em outro país do mesmo continente, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

No caso do Brasil, como resultado do aumento de imigrantes venezuelanos, que já chegam a aproximadamente 40 mil, a opção foi por estabelecer uma licença temporária para agilizar o processo de legalização, uma vez que o status de “refugiado” permanece por dois anos e meio. Convém destacar que o Brasil assumiu uma nova política de migração, aprovada em 2017, que define múltiplas ações para humanização no tratamento dos imigrantes.

O Chile é o país da região onde a imigração aumentou mais, de acordo com o relatório da CEPAL e da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Entre 2010 e 2015 a população imigrante no Chile aumentou, em média, 4,9% ano. Na sequência vem o México, com 4,2%; Brasil, com 3,8%, e Equador, com 3,6%. Por que o Chile cresce mais do que os outros países? Segundo estudos da Universidad Católica de Chile, a falta de barreiras linguísticas, a alta empregabilidade e a estabilidade laboral e segurança, facilitados pela existência de grupos já estabelecidos (comunidade peruana, colombiana, haitiana ou venezuelana)



que formaram redes transnacionais, constituem fatores de atração aos imigrantes latinos. A migração chilena é puramente regional: três de cada quatro migrantes que vivem no país provêm de outros países da América do Sul.

Com a globalização e o aumento da mobilidade humana, é necessário que os países revisem e atualizem suas políticas migratórias para a iniciar um processo de Governança Migratória que permita o respeito aos direitos humanos, a neutralização da securitização das fronteiras, a inserção ocupacional/social e a facilitação dos empreendimentos produtivos que possam frutificar nesses movimentos.

**René Berardi é professor do ISAE. Doutor em Sociologia (UFPR), com experiências como executivo e consultor na OEA, Petrobras, Hewlett Packard, Sebrae e AGA gases.*

Tecnologia

“É débito?”

*Christian Geronasso**

Durante as últimas semanas realizei uma pesquisa autônoma sobre o comportamento das caixas dos supermercados que frequentei em Curitiba (PR), São Paulo (SP) e São Leopoldo (RS). Para obter uma amostra suficiente para análise aumentei a frequência de compras para 3 a 4 vezes por semana, em diferentes estabelecimentos. De acordo com outra pesquisa, muito melhor embasada que a minha, da Associação Paulista de Supermercados (APAS), o setor supermercadista brasileiro faturou em 2016 o total de R\$ 338 bilhões, sendo que 53% dos consumidores que contribuíram com este número faziam parte de algum tipo de programa de fidelidade.

Em minha pesquisa de campo dois comportamentos se destacaram a primeira e a última pergunta realizadas pelas Caixas durante o atendimento: “Possui o programa de fidelidade” e “É débito, certo?”. A pesquisa da APAS esclarece que R\$ 179 bilhões do faturamento dos supermercados estão de alguma forma relacionados com os programas de fidelidade. E a simples pergunta que sugere o débito como forma de pagamento, quanto de impacto no fluxo de caixa gera ao longo dos meses do ano?

Gôndolas, o tamanho dos corredores e dos carrinhos de compra, a iluminação e diversas outras características de um supermercado foram exaustivamente planejadas para influenciar no incremento do ticket médio por consumidor, que em setembro de 2017 totalizava R\$ 42,00 por consumidor, de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS).



TÍQUETE MÉDIO - TOTAL BRASIL			
Período	Total Mercado	Auto-Serviço	Varejo Tradicional
2017			
janeiro	46,2	46,3	39,3
fevereiro	48,9	48,8	41,4
março	51,1	52,1	42,8
abril	49,5	50,3	41,8
maio	48,5	48,5	38,8
junho	49,4	50,2	40,5
julho	48,9	49,8	39,7
agosto	44,1	43,3	36,8
setembro	42,0	41,3	35,7
outubro	-	-	-
novembro	-	-	-
dezembro	-	-	-

Fonte : Kantar WorldPanel

IDAS AO PDV - TOTAL BRASIL			
Período	Total Mercado	Auto-Serviço	Varejo Tradicional
2017			
janeiro	7,5	5,2	3,8
fevereiro	6,6	4,7	3,3
março	6,6	4,7	3,4
abril	6,7	4,6	3,4
maio	7,1	5	3,5
junho	6,8	4,7	3,4
julho	7,0	5,0	3,5
agosto	6,3	4,5	3,1
setembro	6,3	4,5	3,0
outubro	-	-	-
novembro	-	-	-
dezembro	-	-	-

Fonte : Kantar WorldPanel

Fonte: ABRAS - Ticket Médio dos Supermercados Brasileiros (<http://bit.ly/2BUfVe0>)

Nessa mesma esteira, as caixas foram treinadas para reduzir as taxas e o tempo de transição do dinheiro entre a conta dos consumidores e as contas de investimento dos varejistas. Após alguns dias passei a abordar as caixas realizando algumas perguntas como por exemplo: "Você recebeu treinamento para sugerir o débito como forma de pagamento?". A resposta foi unânime, todas passaram por um extenso treinamento, alguns de até 7 dias, onde lhes foi ensinado a sugerir o pagamento no débito. Em meu restrito espectro de análise a taxa de erro era de 1 para cada 3 atendimentos, dependendo diretamente do horário que eu realizava minhas compras. Quanto mais próximo do fim do expediente, menor a chance de coação para pagamento no débito.

Enquanto isso....de acordo com o relatório da Deloitte Digital, Chatbots Point of View, de 2018, os Chatbots se tornarão tão comuns que em 2020 teremos mais conversas com robôs do que com nossas próprias esposas/maridos. Existem diversos formatos de plataformas conversacionais como Alexa (Amazon) e Siri (Apple), que têm por objetivo interagir com os seres humanos por voz e/ou texto, com capacidade de identificar qual a intenção do interlocutor e desenvolver diálogos até o momento que a demanda seja atendida.

O mais impressionante é que você pode criar o seu chatbot gratuitamente, existem várias plataformas disponíveis. Uma delas é a Recast (<https://recast.ai/>) que possui uma interface amigável e promete entender qualquer idioma do mundo, do hindi ao japonês. Portanto, em breve teremos novas possibilidades como a profissão de treinadores de inteligência artificial, pois estes robôs ainda precisarão de auxílio de um ser humano para identificar sentimentos, convivendo com a fila tradicional nos supermercados, talvez com uma placa vintage, com caixas de carne e osso, para pessoas como eu que ainda irão preferir o contato humano. Apesar do autômato: "é débito, certo?".

* Consultor com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais. Atua como consultor especialista em negócios e inovação em uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. (<http://bit.ly/LinkedIn-Christian>).

Referências:

APAS Show 2017 - Associação Paulista de Supermercados (<http://bit.ly/2EX865T>)

ABRAS - Índice de Tíquete Médio - Índice do Mês (<http://bit.ly/2BUfVe0>)

Relatório DEPEC - SUPERMERCADOS (Julho/2017) - (<http://bit.ly/2BST7ez>)



Deloitte - Chatbots Point of View (<http://bit.ly/2BRNfCc>)

Já pensou em se tornar um Treinador de AI? (<http://bit.ly/2BRRPQV>)

** **Christian Geronasso** é consultor com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais. Atua como consultor especialista em negócios e inovação em uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. (<http://bit.ly/LinkedIn-Christian>).*



Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Carolina Leludak
Christian Geronasso
Christian Bundt
Jefferson Marcondes
Márcio Santos
Patrick Silva
René Berardi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande

**ISAE***Escola de Negócios*